

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

Alberto Rangel – GASTÃO DE ORLÉANS
– O ÚLTIMO CONDE D'EU – São
Paulo – 1935.

Bibliografia

Revista de Cultura
Ano X – Num. 111, Março – 1936
Págs. 190 a 192
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Alberto Rangel
GASTÃO DE ORLÉANS - O ÚLTIMO CONDE D’EU
São Paulo — 1935.

Bibliographia

Coincidência amável, dessas que o destino tece, por vezes, em nossa vida, ensejou-me receber e ler o admirável estudo biographico do Conde d’Eu, escripto pelo cálamo de mestre de Alberto Rangel, Príncipe também e herdeiro presumptivo da coroa dos Braganças na América.

Não sou patronovista, mas olho com profunda sympathia essa gente que pertence á nobre linhagem do grande brasileiro D. Pedro de Alcântara, o Magnânimo, que foi, em meio século de reinado, o maior amigo e maior bemfeitor do Brasil.

Leio, por isso, com justificado interesse, tudo que se refira a essa família, e, no caso, maior ainda o meu carinho por esta obra que traz a marca desse espírito profundo, brilhante e subtil, que é o grande historio-graphista *doublé* de pensador, o meu eminente amigo Alberto Rangel.

Enviou-m’ a casa impressora, do Rio, com gentil offerta «de ordem do auctor», que reside, há tempos, na França. Dizer que li de um fôlego essa obra, fora fazer uso de uma phrase feita e faltar á verdade. Li-a sim, detidamente, nos lazeres da vida atansa que tenho, mas a li com prazer de quem saborea, bebericando, o mais capitoso dos falernos,

Rangel é o mesmo estylista encantador que, no *Inferno Verde*, no *Lume e Cinza*, na *Marquesa de Santos*, nos acostumou ás galas e amavios de uma linguagem erudita sem pedantice, ataviada sem exaggeros ou asiatismos, mas sim polida, discreta e elegantemente sóbria.

Conheci-o em São Paulo, estudante que eu era da tradicional Faculdade, por volta de 1910, quando Rangel respigava material para o grande livro sobre a Domitilla.

Fomos apresentados, mas elle, talvez, nem se recorde disso. Um acadêmico de Direito, quase um calouro, que é, na vida de um jornalista e escriptor já consagrado? Eu, porem, não me esqueci da sua figura severa e, ao mesmo tempo, amável, enquadrada naquellas barbas que davam um ar distincto, embora meio *vieux temps*.

Mais tarde, estreitaríamos relações, em correspondência, Rangel em Paris, e eu em Cuiabá, com troca de trabalhos e de impressões de leitura. Quando lhe enviei, por ultimo, o meu *João Poupino*, Alberto Rangel escreveu uma carta que conservo no meu archivo como um dos mais bellos florões de minha pobre actividade mental, em cerca de 25 annos de labores incessantes. Toca-me, ora, a vez de dizer algo sobre este seu novo e ultimo livro que, como disse, acabo de ler, detidamente . . .

* * *

A vida de um grande homem é o melhor dos romances. Quando narrada por quem sabe tirar dos factos correntes as lições da philosophia e da arte, é a mais agradável e útil das leituras. Esta, do neto de Luis Philippe, prende e fascina, pela condensação portentosa de eventos, rigorosamente descriptos, através de felizes observações sempre opportunas. Desde a infância, em que o futuro príncipe-consorte do Brasil nos apparece na mimosa aquarella de Mouret, até ao ultimo quartel da vida desse soldado sereno e impávido, é todo um desfiar interessante de acontecimentos, á margem dos quaes — e nisto está o maior encanto da obra — o auctor vai alinhando as suas notas psychologicas, históricas e literárias. Remontamos á ascendência gloriosa desses Orléans bravos e desses D’Eus «sans peur et reproche» que exornam a velha heráldica francesa, e cuja coroa — no dizer de Rangel — «veio de novo reluzir em raios de gloria justificada, estrellando a vida limpa e alta do segundo Gastão de Orléans.» Toda a primeira parte é um capitulo vivo da História da França, ou melhor da Europa, há um século atrás. Vemos desenrolar-se por trás de um estylo impressivo e pinturesco, os grandes dramas da política desse período, que vae do liberalismo romântico de 1830 á queda dos Orléans e á 3ª Republica.

ALBERTO RANGEL – O ULTIMO CONDE D'EU

Na secção que se segue, vivemos quatro annos nas terras ardentes da Ibéria e da África espanhola, onde o jovem Gastão levara a sua atávica bravura, a serviço dos reis de Castella, contra os rifenhos de Muley Abbas.

Mas para nós, brasileiros, o interesse maior da obra começa da 3ª parte em diante, quando o Conde d'Eu se transporta para o Brasil, candidato á mão da primogênita do Imperador. Desde a viagem, a chegada, as impressões do itinerante, habilmente colhidas no seu Diário e nas suas correspondências, desfila, aos olhos do ledor, essa trama de factos, qual a qual mais empolgante, que as louçanias da phrase rangeliana tornam mais expressivos. Casado em outubro, explode, em dezembro, a guerra contra o dictador de Assumpção, que deveria prolongar-se durante todo um lustro. E acompanhamos o biographado na campanha que vae da tomada de Uruguayana á tragédia final de Cerro-Corá.

Longe fora — e não m'ó permite a angustia de espaço e tempo — se me propusesse arrolar, apontar, ou mesmo exemplificar as bellezas deste grande livro, em cujas 429 paginas palpita o maior e mais alto sentimento de nacionalismo e de brasilidade. Creio que não farei pouco recomendando-o á leitura de quantos se interessem por nossas cousas, em hora amarga e escura como esta que vamos vivendo. Este livro ensina como poucos. É uma obra de justiça e reparação. Quem o lê, fica bem consigo mesmo.

Apparece-nos, no destaque luminoso de uma grande figura histórica, esse príncipe que, «acceitando a vida tal qual como lhe veio, nem iroso, nem mal soffrido contra a sorte, apurou, no crisol da adversidade, as qualidades que o exceptuaram d'entre os mais.»

JOSÉ DE MESQUITA